

ASSOCIAÇÃO
PORTUGUESA
DE MUSEOLOGIA

ACTAS DO COLÓQUIO APOM 78

MUSEUS UNIVERSITÁRIOS

Sua inserção activa na cultura portuguesa

COIMBRA

29 de Novembro a 3 de Dezembro de 1978

APOM
1982

O MUSEU DIDÁCTICO DO INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA DA FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA REALIDADES E PERSPECTIVAS

POR JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

Anexo ao Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra, existe um depósito de materiais arqueológicos, conhecido oficialmente por Museu Didáctico e como tal apresentado no *Roteiro dos Museus de Portugal*, p. 18. Aí se diz que está aberto todos os dias (excepto ao domingo), das 9 às 12 e das 14 às 17.30, e aos sábados das 9 às 12.30; entrada gratuita; recheio mais importante, a antiga colecção de Francisco Gentil.

O embrião deste museu existe há bastante tempo. Assim, em 1919, quando se levantou uma polémica contra a Faculdade, publicou-se um opúsculo intitulado «A Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra ao País», onde se referem, no capítulo «Material de ensino e instalações da Faculdade» (p. 50), «as colecções de Epigrafia, de Esfragística, de Numismática, organizadas umas, outras em vias de organização».

E para o vol. IV dos «Escritos Vários» de António de Vasconcelos — dessa série só foi publicado o vol. I em 1938 — se programara, na secção do Instituto de Estudos Históricos (da Faculdade), um capítulo intitulado «Catálogo das inscrições da *Galeria epigráfica* (incompleto)» seguindo-se-lhe pequenas monografias sobre algumas inscrições desta *Galeria*.

A 23 de Novembro de 1954, em sessão do Conselho Directivo da Faculdade, foi criado o *Instituto de Arqueologia* e, embora não se fale explicitamente no Museu, o certo é que deve ser a partir dessa altura que a simples galeria passa a designar-se Museu Didáctico, entendendo-se, desta sorte, que a sua função será complementar das do Instituto, cujo objectivo primordial («Conimbriga» I 1959 p. 181-187) é fomentar a investigação arqueológica e a preparação de novos investigadores.

Entretanto, das escavações efectuadas na necrópole de Alcácer do Sal, no tempo de Vergílio Correia, saiu a colecção arqueológica do Prof. Dr. Francisco Gentil, que a entregou ao Instituto.

Dessa sorte, o Instituto é inaugurado oficialmente a 6 de Março de 1958 com a exposição desses materiais. Era director da Faculdade o Dr. Providência e Costa, que no seu discurso, louva a generosa oferta, destacando algumas das peças: o escaravelho egípcio de Psamético I, dois vasos áticos do séc. IV a.c., placas de cinturão damasquinadas a prata, lucernas púnicas... E promete que se procederá ao «tratamento, conservação, restauro e estudo desses materiais» para depois se «efectuar a publicação definitiva que eles bem merecem e que Vergílio Correia, infelizmente, já não teve oportunidade de realizar, como desejava e planeava» (Conimbriga, I p. 197).

Outras ofertas, de particulares, foram enriquecendo o Museu inicialmente constituído na sua essência por réplicas em gesso de inscrições romanas, cristãs, visigóticas, medievais, e de materiais pré-históricos e romanos — moldagens feitas inclusivamente no estrangeiro com verbas concedidas pelo Fundo Sá Pinto. Destas ofertas, enumeradas nos dois primeiros volumes da revista «Conimbriga» (I 1959, p. 201-2, II-III 1960-1, p. 348), podemos salientar materiais oferecidos por Afonso do Paço provenientes de Vila Nova de S. Pedro e da Citânia de Sanfins, picos asturienses (Abel Viana), uma colecção de moedas (bronzes) e o notável monumento à divindade indígena *Tabudicus*. Nem sempre há peças inteiras; por vezes simples amostras para ilustrar uma tipologia. Do Museu consta também um Gabinete de Numismática, com balança de precisão, cofre forte devidamente climatizado, ficheiros modernos e funcionais, tabuleiros de exposição cujo modelo foi expressamente estudado aqui e fabricado a pedido do Instituto para este Gabinete e outros do País, e 4.733 moedas.

A promessa de Providência e Costa ainda não foi cabalmente cumprida. Não se fez uma publicação sistemática do espólio do Museu, nem há inventário completo. No entanto, o Prof. Vergílio Correia publicou parcialmente os materiais das suas escavações; Maria Helena Rocha Pereira, na obra «Greek vases in Portugal» (Universidade de Coimbra, 1962) estudou a cerâmica grega ali guardada (aliás, o desenho da capa reproduz o lindo vaso do Museu); além disso, duas teses de licenciatura, inéditas, versaram tal espólio: Maria Antónia de Ascensão e Brito, *Contributo para a Classificação de alguns achados de Alcácer do Sal (Época Romana)*, Coimbra 1968 (dois volumes, o segundo de desenhos) analisou parte da colecção de Francisco Gentil, e Ana Cândida da Silva, *Subsídios para o estudo da epigrafia romana em Portugal*, nesse mesmo ano, debruçou-se, na segunda parte do seu trabalho, sobre as inscrições cristãs guardadas no Museu. Também a inscrição a *Tabudicus* foi publicada (Mário Cardozo, «Conimbriga» II-III p. 223-229).

Actualmente, o Museu, habitualmente fechado e quase por completo ignorado do próprio pessoal da Faculdade, continua a ser *armazém* de mate-

riais, instalado no piso térreo, nada mais do que armazém e com todas as características de armazém — a que ultimamente até se roubou um pouco mais de espaço porque ali funciona uma sala de aula .

Apesar disso, a sua função mantém-se: apoio às aulas de Arqueologia, Epigrafia e Numismática, proporcionando aos alunos o contacto directo com os materiais. Aliás, nos anos lectivos de 1975-76, 76-77 e 77-78 funcionou na Faculdade uma cadeira de Desenho Arqueológico e foram as peças do Museu o seu elemento de trabalho mais importante.

Não há dúvida que o Museu se encontra mal instalado. O Museu e o próprio Instituto a que está ligado: a biblioteca aumenta consideravelmente (possui actualmente — 1980 — 2 501 volumes e 1 538 diapositivos), o número de docentes elevou-se a seis (todos a trabalhar num espaço que não excede os 12 m²...).

Assim, a aquisição pela Universidade do Palácio de Sub-Ripas veio abrir uma excelente perspectiva. Entabularam-se de pronto negociações para que o palácio fosse destinado à Faculdade de Letras, a fim de nele se instalarem os Institutos de Arqueologia e História de Arte. Nesse sentido, logo em 29 de Outubro de 1974, a Comissão de Gestão da Faculdade deliberou solicitar aos seus responsáveis, Professores Jorge Alarcão e Nogueira Gonçalves, um «estudo do destino a dar ao Palácio de Sub-Ripas, a fim de responder a ofícios que neste sentido foram endereçados à Comissão pela Direcção-Geral do Ensino Superior e pela Direcção-Geral das Construções Escolares» (Ofício I/628, de 30.X.1974). Mas a afectação do imóvel à Faculdade ainda não fora — como ainda o não foi — claramente determinada, pelo que tal estudo não podia fazer-se sem uma prévia definição da utilização do palácio. Desta sorte se compreende o teor da decisão tomada em 22 de Abril de 1980 pelo Conselho Científico da Faculdade:

«Insistir na efectivação da proposta feita em 1974 pela Comissão Directiva da Faculdade de que sejam definitivamente instalados no Palácio de Sub-Ripas os Institutos de Arqueologia e de História de Arte».

A equipa, que trabalha no Instituto, está disposta a apresentar um programa para as novas instalações do Museu Didáctico. Consideramos que ele deve continuar a existir porque estamos certos de que — mau grado os ventos adversos que sopram dos mais variados quadrantes — o estudo da Arqueologia e Ciências afins voltará a ser considerado da maior importância para a cultura deste País, único meio de salvaguardar um património a todos os títulos valioso. Julgamos que o papel da Arqueologia no domínio científico internacional e até no campo da valorização turística será, enfim, reconhecido pelos governantes.

Dessa sorte, como complemento indispensável dos cursos — obrigatórios ou de opção — de conferências e/ou seminários, o museu tem função imprescindível. Como está, não é quase nada, até porque não pode ser visitado. Há que transferi-lo condignamente para o Palácio Sub-Ripas ou outro. Claro que a opção do Palácio de Sub-Ripas nos parece ótima para já, pois assim se dá vida a um imóvel em degradação (se não utilizado) e nos resolve o grave problema da falta de instalações.

Não adiantamos — não podemos adiantar — um programa rigoroso para o Museu, desconhecendo as possibilidades que nos serão concedidas. Gostaríamos, no entanto, que nele se pudesse incluir:

- a galeria epigráfica (originais e moldes);
- salas de exposição das peças mais significativas, por períodos: pré-história, antiguidade clássica, arqueologia medieval;
- reserva: armazém de peças para estudo e exemplificação; arquivo documental;
- sala anexa para esse estudo;
- sala de exposições temporárias;
- sala de aula e conferências.

Pensamos que o Instituto de Arqueologia deveria funcionar intimamente ligado ao Museu; as suas instalações abrangeriam:

- a biblioteca
- a sala de leitura
- gabinetes para os docentes.

Como já hoje acontece, o Instituto vende as suas publicações. Diapositivos, postais ilustrados, fotografias, textos — poderão também ser facilmente postos à disposição dos estudantes e do público em geral. Um espaço para recepção, secção de vendas e secretaria deverá, pois, ser contemplado.

A elaboração dum inventário completo será tarefa a lançar mãos, bem como a publicação de um guia (caso o museu se torne uma realidade mais palpável).

Será um museu em crescimento, e de crescimento fácil; e a sua finalidade didáctica não o induzirá a substituir-se a qualquer outro. Hoje, a tendência em Arqueologia é manter as peças no museu do concelho a que pertence a estação arqueológica escavada. O recheio do Museu Didáctico será, pois, constituído essencialmente por objectos doados, por réplicas exemplares, por amostras.

Um programa de exposições temporárias visará a apresentação de outro material mais vistoso e importante, eventualmente emprestado para o efeito por outros museus.

Um programa de apoio aos grupos de arqueologia (que nos últimos anos têm sido formados no centro do País, com notável benefício para a valorização do nosso património) às escolas e seus professores bem como a investigadores individuais — será encarado como tarefa prioritária, na sequência do que se tem vindo a fazer, nomeadamente a partir de 1975, com assinalável êxito.

A publicação duma revista anual como «Conimbriga» — dezoito números regularmente publicados desde 1959 (com um pequeno hiato de 1962 a 1963) — bem cotada no meio científico internacional e nacional cuja permuta com 181 publicações estrangeiras e 24 revistas nacionais enriquece incomensuravelmente o património do País, permite ajuizar do elevado interesse que terá um bom funcionamento do Instituto de Arqueologia e do seu Museu Didáctico.